

UMA METODOLOGIA PARA INVESTIGAR FAMÍLIAS RURAIS
 A METHODOLOGY TO INVESTIGATE AGRICULTURAL FAMILIES
 UNA METODOLOGÍA PARA LA INVESTIGACIÓN DE LAS FAMILIAS RURALES

Rita Maria Heck*

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar uma metodologia de pesquisar famílias. As informações apresentadas se reportam a nossa experiência de investigação qualitativa dos suicídios em um contexto rural. O trabalho consistiu numa etnografia na qual foram utilizadas diferentes técnicas de pesquisa, como observação participante, entrevista semi-estruturada individual com informantes-chave e validação dos dados em grupos focais. O trabalho de campo estendeu-se por sete meses, período em que foi possível aprender sobre a visão de mundo daquele grupo social.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia cultural; Suicídio; População rural

INTRODUÇÃO

A pesquisa da qual fazem parte os dados a seguir foi desenvolvida no ano de 1998 no município de Santo Cristo/RS, tendo como propósito investigar junto às famílias dos colonos os suicídios. Observou-se que entre outras características faz parte da condição de ser colono**, neste contexto, reproduzir um modo de vida indissociado da condição de pertencer a família, onde o conjunto pai, mãe, filhos, avô e avó, as vezes tios coabitam em pátios coletivos, mas em casas individuais, localizadas em áreas de terra próprias que oscilam entre 25 a 12 hectares, onde cada pessoa tem atividades específicas relacionadas com a sustentação, manutenção e produção de alimentos e cuidados de saúde. Internamente o município é dividido em 35 comunidades, cada qual é referência para 60 a 120 famílias, esta organização coletiva permite aos colonos manter ativo a igreja, o cemitério, a escola, o clube social e o campo de futebol. Estas informações, e mais alguns dados quantitativos sobre suicídio, formavam parte do que conhecíamos*** antes de iniciar o trabalho de investigação etnográfica.

A etnografia¹ é um trabalho de descrição da cultura****². Para dar conta da densidade destes conceitos foi importante uma familiarização, pois como Enfermeiro muitas vezes nos detemos a relatar fatos, sem no entanto ouvir, compreender em que contexto estão sendo produzidas e qual seu significado naquele contexto. Para atingir esta qualidade foi importante a dedicação, disciplina em relação a escrita, organização e capacidade de abstração crítica diante do que acontecia. Como produto se chegou a minuciosos registros, produzidos nos intervalos da vivência com diferentes famílias, o que deu substância ao trabalho de campo.

* Dr.ª Enfermagem PEN/UFSC. Mestre em Extensão Rural (UFSM). Prof. Adjunto da Faculdade Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas.

** O termo colono é empregado corriqueiramente pelo agricultor de Santo Cristo/RS para se autodenominar. No significado que emprega fica saliente que expressa um sentimento de igualdade dentro daquele espaço social. Há, entretanto, diferentes tipos de colonos: os que tem terra e os que não tem e trabalham como arrendatários, que na opinião deles são muito diferentes daqueles "vagabundos" que não querem trabalhar e vão invadir propriedades. Parece que a identidade que expressam se relaciona com a forma de organização econômica e familiar, de participação comunitária (igreja, escola) e de trabalho com a terra, da qual depende o sustento da família e dá-lhes credenciais para serem enquadrados como colono.

*** No período de 1988 a 1990, atuamos como enfermeiros na coordenação da saúde no município de Santo Cristo/RS. Os suicídios aconteciam e passaram a ser estudados no mestrado em Extensão Rural (Heck,1993).

**** Partilhamos do conceito de cultura proposto por Geertz(1989), a qual está vinculada a ação humana, o vivido no cotidiano pelas pessoas, as diversas interpretações que formulam, dia após dia, as formas que estas se reproduzem, de acordo com os significados de vida, morte e do universo.

A familiarização, que faço referência, se vincula a necessária compreensão do que vem a ser cultura e o treinamento para registro ao fazer uma etnografia. No nosso caso cursamos cinco disciplinas na Antropologia Social, realizamos exercícios práticos treinando a observação e por dois anos consecutivos voltamos nossa atenção para leituras e discussões sistemáticas na área. Assim, o processo de investigação, além de uma decisão, se fez acompanhar da pré-disposição de interação com outro campo de conhecimento, que é prestar atenção às ações e reações humanas. É relevante ter claro o quanto a perspectiva antropológica precisa ser compreendida para se exercitar o método etnográfico, o que nem sempre é percebido para quem é formado nas Ciências Naturais. De forma pragmática, o exercício que segui foi realizar um paralelo entre um dado quantitativo e uma interpretação de dado qualitativa³. O que é isto? É distinguir o que é descrever os fatos – os dados, as ações humanas –, do prestar atenção a estes fatos enquanto significativos para os colonos. Na Enfermagem, geralmente se faz o registro dos dados. Isto aconteceu comigo no início do trabalho de campo. Entretanto, a orientação^{****4} e a troca de experiências com colegas^{5,6,7} que já fizeram uma pesquisa com este enfoque, permitiram avançar lentamente e entender as ações, o que os dados significavam para os colonos.

A partir desta experiência inicial, torna-se enriquecedor detalhar um pouco a metodologia empregada, as ansiedades e os exemplos que ilustram estas etapas e fases distintas. A primeira ocupação no campo, em fevereiro de 1998, foi o registro e o exercício criterioso de “estranhamento”, no sentido de perceber como os colonos explicam o mundo a partir do que eles vivem. Nessa fase havia uma preocupação pessoal peculiar, que poderia ter sido menor se fosse omitido que esta pesquisadora é filha de colonos, nascida neste meio, tendo compartilhado esta vivência até os 13 anos. Assim, algumas seqüências cotidianas deste modo de vida eram conhecidas, mas nunca tínhamos refletido minuciosamente sobre estas ações. Para trabalhar com a situação, foi necessário ser observadora e indagadora, não só para com o que era desconhecido, mas também com o que via ser repetido, com o que não era dito, com o que não explicavam por achar sem importância, e diante do qual o porquê, muitas vezes, ficava sem resposta. Isso também foi observado e anotado e, assim que surgia a oportunidade, retornava-se novamente ao porquê do silêncio.

Inicialmente, como planejado, fixei residência entre os colonos em uma casa na comunidade Rolador Baixo, o local mais próximo que se podia imaginar para o papel de pesquisadora. Nesse período, passamos a freqüentar, por algumas horas, as casas das famílias explicitando a intenção de realizar a pesquisa. O objetivo era ser incluída nas tarefas do cotidiano e nas atividades e não ser tratada como “visita”. No entanto, nada acontecia diante dessa expectativa. Quando chegava, o que estavam fazendo era interrompido, com a justificativa de que estavam sujos e, então, éramos conduzidos à sombra da área da casa, onde ficávamos sentados horas tomando chimarrão e apreciando quitutes, como *cuca*^{*****} e bolachas. Algumas vezes, faziam uma e outra atividade rápida e breve como, por exemplo, ligar a lavadora de roupa e/ou esquentar a água para o chimarrão. Quando questionados se precisavam de ajuda, se desculpavam das tarefas.

Voltava preocupada com as anotações e, muitas vezes, não era possível fazê-las em função da interrupção de uma outra vizinha ou das crianças que vinham verificar o que estava fazendo sozinha. No tempo em que estes permaneciam, contavam o que havia acontecido na família, o vizinho que cruzou por lá, o quadro do vizinho que estava doente, a programação de uma visita a um parente ou amigo mais distante e de uma reunião que tinham interesse em realizar nos dias subsequentes, etc. No meio da conversa, faziam algumas perguntas

**** O trabalho foi orientado pela Prof. Dr.^a Ester Jean Langdon que teve paciência, e conduziu com segurança todo trabalho de construção da tese.

***** A *cuca* é um pão doce que pode ser recheado ou não. Faz parte do cardápio dos dias de festa e conforme relato deve ser servida no dia de Natal, Páscoa e Pentecostes. Durante a coleta de dados observamos que a *cuca* era servida com mais freqüência pelos colonos na hora do “frictik” (merenda), explicavam que era um prato prático pois ao confeccioná-la guardavam no congelador e assim ficava acessível diante das necessidades que surgiam.

sobre o meu marido, o porquê de ele não estar ali, se não sentia medo de estar sozinha. Não demoravam muito e justificavam as tarefas que tinham em casa para se despedir. O acontecimento que alterou esta fase foi o falecimento de um dos vizinhos. O aviso de sua morte chegou muito perto do instante do último suspiro. O fato alterou a rotina de todos da comunidade e permitiu a minha inclusão em atividades como cuidar da comida, no preparo da massa caseira***** e fazer corridas de carro, o que acabou me aproximando e deixando saliente que eles tinham respostas e eu dúvidas, que podiam me ensinar a compreender seu modo de vida tendo em vista os objetivos da pesquisa.

Isso permitiu descobrir que era mais fácil estranhar e perguntar, convivendo na casa de colonos e não isolada. Assim, poderia me expor às situações em que ficavam percebidos contrastes ao interagir com os colonos que residiam distantes geograficamente, de outras comunidades que tinham sotaque diferente e que sabiam pouco de mim e eu deles. Como tinham que me introduzir no trabalho, isto possibilitava perguntar sobre a visão de mundo que organizam e na qual faziam questão de apresentar a casa, as fotografias, os animais, a roça e a distribuição dos diferentes cultivares, explicando as vantagens de um em comparação ao outro. Neste sentido, é pertinente recordar o que sugerem os antropólogos: a necessidade de um distanciamento a quem é pesquisado e se deixar pesquisar, no sentido de possibilitar um estranhamento para uma real observação.

Nessa fase havia, ainda, bastante insegurança com relação aos dados, que pareciam registros sem muito sentido. Tinha dúvidas se realmente fixavam a identidade de pesquisadora e não de enfermeira. A história de atuação profissional***** desencadeou o interesse pela questão de pesquisar o suicídio, já investigado anteriormente, e que buscava complementar com uma nova técnica de coleta de dados denominada de pesquisa participante. Foi fundamental o que havia sido discutido e enfatizado pela orientadora de, repetidamente, apresentar-me como pesquisadora, deixando de lado o papel de enfermeira, colocando-me na condição de investigadora e observadora, alguém interessada em observar como explicam os suicídios: o que falam, em que situações, o que não falam, como entram em ação, a forma como reagem frente ao suicídio de êxito, como identificam se alguém está com risco de suicídio.

Inicialmente, percebi⁸, que os colonos não falam espontaneamente sobre suicídio, e pensei que seria uma questão de acertar o informante. Um exemplo, que marcou muito essa fase, foi a convivência junto a uma família de colonos que me aceitou como pesquisadora, mas omitiu que tinham um caso de tentativa de suicídio. A mãe se explicou com relação ao familiar, que estava ausente por ser casado, como uma pessoa que teve, em uma única ocasião, um “ataque de nervos” e, ao compará-la com os outros filhos, dizia ser “mais fraca”. Após alguns dias fui questionada diretamente por outro familiar do mesmo grupo. A pergunta foi se o meu interesse era pesquisar a tentativa de suicídio durante a estada na família X. Somente depois desta conversa é que tomei conhecimento de que havia uma tentativa de suicídio na família, a qual não foi mencionada durante a convivência. Isto levantou uma questão importante: como então falar de suicídio?

Lentamente, fui percebendo que falar de suicídio implicava conhecer as redes sociais, o que era complexo e levou algum tempo. Nessa fase, as angústias se faziam presentes, as quais atribui parcialmente à enfermeira que volta e meia interferia obsessiva. Novamente, um exemplo ilustra essa passagem. Ao acompanhar outros profissionais nas reuniões, numa destas vezes, fui solicitada a abordar algum assunto sobre integração da comunidade, que era tida como desorganizada, a partir de relatos orais do técnico. Então, salientei na

***** Este prato e outros que fazem parte do variado cardápio só aprendi a degustar, e não a preparar. Os colonos achavam estranho o fato de uma mulher casada não saber preparar a massa. Fizeram questão de me ensinar.

***** Não faziam cobranças diretas com relação ao papel de enfermeira mas, em algumas casas, à noite conversando sobre um problema de saúde, mostravam exames e queriam uma opinião. Ao mesmo tempo, observei que após sete anos de afastamento, depois de três atuando no município, muitos pareciam não se lembrar da atuação da enfermeira. Queriam soluções para problemas que estavam vivendo no momento.

***** A pesquisa iniciou em fevereiro, foi interrompida no final de março(até ali permanecia 3 dias na casa de uma família e nos outros dias da semana

reunião que o diálogo entre vizinhos e a conversa direta sobre a indisposição de um com o outro, era uma forma de resolver e encerrar conflitos.

Ao final da exposição “lógica” sugerida, um homem, que depois soube ser uma das lideranças nesse grupo, explicou que esta não era uma estratégia possível entre eles, pois uma vez estabelecido o conflito não se tinha esta iniciativa de conversar diretamente para resolver, que isso não existia, não no meio deles. Os demais presentes, mulheres e homens, ficaram em silêncio. A colocação dele foi muito importante, pois era um contraponto ao que tinha enfatizado. Perguntei, então, como faziam e não obtive uma resposta única. A reunião seguiu com outra dinâmica: os presentes contaram a sua história do grupo, a dificuldade que tiveram e têm em construir a sede social da comunidade e de iniciar a agremiação de futebol. E, contrastavam as novas experiências com as atividades que deixavam para trás, como as reuniões de jovens que aconteciam nos “potreiros” particulares (gramados amplos, cercados, para conter o gado), em que se faziam brincadeiras. Assim, foram narrados fatos que interferiram para que, cada vez mais, a comunidade se retraísse, diferenciando-os de outras localidades. Até, finalmente, exporem como perderam a confiança que um depositava no outro – suspeitas de latrocínio, notícias de abusos sexuais às mulheres. Assim, comecei a perceber o que era a arte de escutar e jamais imaginava estar pisando tão fora do mundo deles. No final da conversa, perguntei se iriam me receber em suas casas para aprender como vivem e, em meio a um sorriso amistoso, disseram que sim.

Passei, então, a priorizar os encontros coletivos nas diferentes comunidades e observar o que acontecia – se estava programado, como as pessoas se organizavam, o que falavam, em que momento, o que queriam com o encontro, os diferentes locais que freqüentavam. Observei que os mortos também faziam parte do mundo dos vivos e descobri nos cemitérios um dado muito significativo: a disposição espacial feita por grupo de idade, alinhamento das sepulturas e registro histórico individual do falecimento. Sobre isso era possível falar e perguntar e, assim, era explicado nominalmente cada túmulo, os preenchidos e os reservados, os detalhes das famílias, as situações econômica e religiosa. A partir disso, ficou mais visível a visão de mundo deles, os significados, as expectativas social e individual diferenciadas que coexistem entre os colonos e estão representadas nas diferentes comunidades e no modo como orientam a sua vida nas ações cotidianas.

Fiz questão de detalhar essas observações para demonstrar que, se tratando de uma etnografia, as peculiaridades de cada questionamento levaram a compreender mais um pouco sobre a forma fundamental de registrar e situar a interação entre pesquisadora-pesquisado, para ver como se entendem como colonos. Essa experiência foi muito interessante e transcorreu sem grandes perguntas sobre o suicídio*****.

No início da pesquisa de campo, diversas vezes repetiam indiretamente que estar ali sozinha era uma condição perigosa. Sugeriram uma série de alternativas como ser acompanhada por uma criança e, assim, ofereciam suas crianças como companhia, especialmente durante a noite, e as visitas a minha casa eram constantes, revezando-se entre vizinhos, mulheres e crianças, preocupados com a condição de isolamento e com o medo que deveria sentir. Durante as visitas, relatavam sobre as rotinas cotidianas que estavam por fazer em suas casas, mas que haviam protelado em função da visita. As crianças explicavam que haviam sido mandadas por um responsável e, por vezes, diziam e deixavam transparecer que não era exatamente o que gostariam de estar fazendo. Algumas visitas eram verdadeiros inquéritos sobre qual a casa que havia visitado, porque estava ausente pela manhã, quando visitaria meu marido, porque não morava com um familiar. Na ocasião, somente registrei os fatos sem, contudo, ter uma idéia de que tamanha curiosidade poderia estar relacionada ao entendimento deles de que eu não precisaria anotar as conversas e as observações, mesmo

fazia os registros em diário expandido). Em maio retornei, após a colheita da soja, nesta fase a permanência nas casas foi diminuída e foquei mais casos que eram indicados, pessoas ditas em risco, rituais coletivos. As anotações passaram a ser mais pontuais sobre o tema investigado, prosseguindo em campo até outubro de 1998.

***** Ao desenvolver a pesquisa me deslocava em um fusca branco com placas de Porto Alegre que, às vezes, causava curiosidade. Observei que

tendo ouvido e percebido que as anotações e registros tomavam bastante o meu tempo. Em nenhum momento foi verbalizado que não deveria morar sozinha, pois estaria interferindo na vida dos vizinhos pela preocupação que causava a eles.

Nos registros aparecia constantemente que deveria ter medo, mas quando interrogados pelo motivo do medo, medo de quê e de quem, não conseguiam responder. Mudei para a casa de um familiar na cidade de Santo Cristo, pois percebi que tinha que dar muitas explicações sobre onde e na casa de quem havia estado. As respostas, por mais simplificadas que fossem, poderiam colocar em risco a credibilidade como pesquisadora.

Não entendia bem o porquê, mas esta situação incomodou por algum tempo e só foi possível entendê-la pelo relato de uma viúva, que explicou a organização que tinha em casa para não ficar sozinha. Contratara um menino da vizinhança para lhe fazer companhia durante a noite e era visitada pelos parentes e vizinhas próximas durante o dia. Toda a sua fala era para justificar que não estava sozinha, mas verbalizava também que a situação não deveria se estender por muito tempo, pois estava providenciando a transferência de um filho casado para morar com ela e resolver a questão. Enquanto isso, ocupava a maior parte do tempo em preparar quitutes para oferecer e ser bem quista entre parentes e vizinhos. Sobre a situação da viúva, outras mulheres, que não eram vizinhas, fizeram críticas diretas aos filhos desta viúva, que não deviam ter abandonado a mãe. Por outro lado, relataram o quanto isso pesava sobre os parentes que, para amenizar a situação, faziam as visitas constantemente. Com isso, foi possível perceber as ações direcionadas a quem se mostrava solidário e a quem podiam acusar de anormalidade. Esta era a política pessoal que passava entre as relações sociais e para a qual deveria estar atenta ao formular perguntas e/ou compreender respostas, para uma aproximação com as famílias e mais especificamente o tema suicídio.

Nesse estágio da pesquisa, foram selecionados dois grupos focais⁹ para conversar sobre o suicídio e um terceiro grupo foi proposto aos profissionais com atuação no município. Estes, individualmente, apontaram a preocupação com o suicídio, mas não se motivaram para uma discussão em grupo. A dinâmica desses dois grupos que se reuniam para discutir era diferente. Enquanto um se reunia especialmente com a intenção de conversar sobre suicídio, o outro funcionava semanalmente nas terças-feiras à tarde, no qual me incluía para checar as informações que observava não somente com relação ao suicídio, mas sobre as redes sociais e as ações dentro da sua visão de mundo, o que era ou não permitido fazer. Também, nessa fase, além da reflexão individual, foram importantes os diálogos que foram mantidos com dois informantes que ajudaram a situar e a corrigir as observações e complementar os detalhes, pois conheciam excepcionalmente bem o contexto.

Para obter subsídios para a discussão nos grupos focais, utilizei dados que haviam sido coletados no trabalho anterior¹⁰ sobre suicídio e também fazia perguntas sobre a “doença de nervos”, e se tinha alguma relação com o suicídio. Em caso de resposta positiva, questionava sobre o que era este episódio e como acreditavam que o haviam superado. Isto ajudaria explicar o que objetivamente apontavam como eficaz para sair deste quadro.

A pesquisa evoluiu para uma terceira fase, com perguntas diretas sobre o suicídio, às pessoas que tinham sido indicadas como “especialistas dos nervos”. Destes se sobressaíram seis que residem dentro do município e não são exclusivamente entendidos de “nervos”, como fizeram questão de esclarecer, já que entendem este como um problema complexo. Podem ser indicados também como: massagista, curandeiro, “arrumador de osso”, parapsicólogo, conhecedor de ervas, todos com tratamentos e experiências muito peculiares. Além destes há os que funcionam como ouvidoria – secretário de saúde, padres, professores e/ou ministros, médico, vereador e pessoas que têm cargo de liderança como sindicalista, extensionista rural, entre outros –, e como referências consultivas da comunidade e que ajudam a apontar pessoas com risco, encaminhando os casos. Assim, passei a conhecer nominalmente alguns casos e a ser indicada para acompanhar as pessoas, através de quem estava solicitando ajuda, a liderança da comunidade ou parente. Essas pessoas forneciam a condição de conversar diretamente com quem vivia a crise, ou com quem estava naquele instante envolvido.

Nessas situações, o assunto suicídio era espontaneamente comentado. Na apresentação as pessoas começavam a falar. Ouvia e perguntava sobre alguma informação, para situar a explicação que apresentavam. Para tanto, optou-se por conversar somente com colonos na sua casa, não buscando contato com pessoas que estivessem em internação hospitalar ou residindo no perímetro urbano e, em todos esses encontros, fez-se questão de conversar diretamente com quem era o ator, alvo acusado de risco. O segundo encontro era combinado, se assim houvesse interesse. Neste, faziam-se perguntas simples para ver o que haviam feito desde a visita anterior, no que acreditavam como solução e qual a disponibilidade de interesse em investir na pessoa em risco, ou seja, quais os planos de encaminhamento da situação.

Esses contatos foram tensos e trabalhosos, o caso era público, mas havia uma expectativa das pessoas em que me aproximasse, pois para eles é muito perigoso se aproximar de quem verbaliza a intenção de suicídio. Algumas precauções foram tomadas para diminuir a curiosidade sobre as visitas. Como já era do meu conhecimento, neste grupo as redes de controle social são rígidas, assim, uma simples carona ou contato entre quem acusava e o outro que se sentia acusado, poderia ter uma repercussão com relação a confiança depositada na minha pessoa como pesquisadora do grupo. A estratégia implicava em não sair da casa de um colono e, imediatamente, dirigir-se a outra dentro da mesma comunidade, assim, evitavam-se as explicações. Durante as entrevistas, procurava deixar a pessoa falar, antes de dar uma resposta direta, principalmente quando alguém abordava alguma visita ou caso em que tinham identificado a pesquisadora ou "o fusca branco"*****, diante do que queriam uma confirmação. Na ocasião de uma visita a um caso na comunidade, não participava de nenhum ritual naquele grupo, para não gerar especulação a meu respeito ou com relação à família do colono com a qual tinha sido realizada uma entrevista.

No decorrer do trabalho procurei participar de alguns rituais que envolviam um público seletivo, testando a possibilidade de aceitação, inclusão, reações e especulações dirigidas para se certificar em definitivo sobre o que aceitavam como possível e normal. Nesses encontros, ao estar explícito o contraste, eram questionados sobre o modo como acomodam as situações. Espontaneamente, ficava explícito o que não podia ser falado, o que era vivido no silêncio e o que, atrevidamente, se abria para conversar em decorrência dessa experiência.

Esse exercício da metodologia se estendeu nesse contexto com tais peculiaridades, devido a persistência da pesquisadora que, diversas vezes, recorreu à orientadora para se situar e também desabafar sobre a raiva que incomodava, depois que se descobria num grupo extremamente rígido, introvertido e preso aos valores seletivos de discriminação. Certamente, três credenciais foram muito importantes embora nem sempre ditas verbalmente durante o trabalho de campo, mas que contribuíram para a aceitação da pesquisadora. Primeira, a possibilidade de compreender e se expressar verbalmente na língua alemã, a qual é fluentemente falada no cotidiano; segunda, a condição de mulher casada, mesmo sem a presença do marido, possibilitou as pessoas que confiassem os assuntos que só podem ser comentados depois de uma certa experiência na vida, "depois de comer o primeiro saquinho de sal em conjunto com o marido" como resumido por um colono; e, por último, e talvez mais importante, a referência em um grupo familiar que, mesmo distante, conseguiam localizar no contexto e podiam situar como pertencente a sua visão de mundo, o que foi fundamental para que fosse acolhida em suas casas.

ABSTRACT: The goal of this paper is to describe a methodology for to family research. The informations shown our experience about qualitative investigation on suicides at rural communities. The work was based on ethnographic research, using different research tecnic, as participant observation, individual interview half-structure within select people and data valedation on the phocal group. The field work extend seven months, it was be possibile to leain about the world vision that social group.

identificam facilmente os carros às pessoas.

KEY WORDS: Antropology cultural; suicide; rural population

RESUMEN: Este artículo objetiva apresentar una metodología de pesquisa familiar. Las informaciones apresentadas se reportan a nuestra experiência de investigación qualitativa de los suicídios em un contexto rural. El trabajo consistio em una etnografía na qual fueram utilizadas diferentes técnicas de pesquisa, como observacion particion, entrevista semi-estruturada individual com informantes-lhave y validação de los dados em grupos focales. El trabajo de campo se estendio por siete meses, período em que fue possível aprender sobre la vision del mundo de aquel grupo social.

PALABRAS CLAVE: Antropología cultural; suicídio; población rural

REFERÊNCIAS

- 1 Spradley, J.P. Participant observation. New York: Holt, Rinehart & Winston; 1980.
- 2 Geertz, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1989.
- 3 Minayo, M.C.S., organizador. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petropolis: Vozes; 1994.
- 4 Langdon, E.J.M. A doença como experiência: a construção da doença e seu desafio para a prática médica. Antropologia em primeira mão/Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFSC. Florianópolis; 1996.
- 5 Elsen, I. Concepts of health and illness and related behaviors among families living in Brazilian fishing village [tese] San Francisco U.S.A. [CA] University of California; 1984.
- 6 Cartana, M.H.F. Rede e suporte social de famílias. [dissertação] Florianópolis [SC]: Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFSC; 1986.
- 7 Monticelli, M. O Nascimento como um rito de passagem: uma abordagem cultural para o cuidado de Enfermagem às mulheres e recém-nascidos. [dissertação] Florianópolis [SC]: Programa de Pós-graduação em Enfermagem/UFSC; 1994.
- 8 Heck, R.M. Contexto sociocultural dos suicídios de colonos alemães: um estudo interdisciplinar para a Enfermagem. [tese] Florianópolis [SC]. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/UFSC; 2000.
- 9 Streubert, H., Carpenter, D.R. Qualitative research in nursing. Philadelphia: J.B. Lippincott; 1995.
- 10 Heck, R.M. Suicídio, um grito sem eco no contexto social de Santo Cristo. [dissertação] Santa Maria [RS]. Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural/UFMS; 1993.

Recebido em 10/12/02 aceito em 05/03/03

Endereço do autor:

Rita Maria Heck

Rua Pe. Anchieta, 1333/1001

CEP 96015-420 – Centro – Pelotas/RS

Fone/fax: (53)271-3031

E-mail: heck.sul@terra.com.br